

ENCONTRO COM PESSOAS NOTÁVEIS
ESCOLA DE GEOLOGIA DO RECIFE 1958/1961
Por Emmanoel Wanderley Duarte

Neste manuscrito, não irei tratar da eficiência da Escola de Geologia da UFPE como marco de pioneirismo na formação de geólogos no Brasil, nem tão pouco traçar elogios por demais merecidos ao seu corpo docente. Vou relatar meu convívio com os professores, colegas e demais pessoas que faziam a Escola, com os quais tive a honra de permanecer junto durante quatro anos (1958 – 1961) e que, passados mais de 50 anos, não consigo esquecer-los.

Todavia, inicialmente gostaria de transcrever e comentar parte do relato do professor Paulo José Duarte, primeiro Coordenador da Escola, em sua publicação - Contribuição a História dos Cursos de Geologia e Engenharia de Minas na UFPE, série documentos, 1965, UFPE, Recife:

“... em 1956, o governo do presidente Juscelino Kubitschek, através do Ministério da Educação e Cultura criou uma comissão para proceder a estudos e propor, dentro de categoria curto prazo, a formação e ao exercício de geologia e que depois levou a criação da CAGE – Campanha de Formação de Geólogos, com a finalidade de colocar em funcionamento, já em 1957 quatro cursos de geologia no Brasil. Graças aos esforços do senador José Ermírio de Morais integrante da CAGE e da reitoria da UFPE, tendo a frente o reitor Joaquim Amazonas, houve a solicitação formal para que um desses cursos viesse a ser instalado no Recife, sede da região do Nordeste, o que ocorreu.”

Em seguida foi formando o corpo docente, constituído, em sua grande parte, por técnicos estrangeiros, destacando-se paleontologistas, estratigrafistas, petrografistas, mineralogistas e hidrogeologistas. Ao lado destes professores foram convidados brasileiros de notório saber científico, que ensinavam em faculdades no Recife ou eram técnicos do DNPM (Departamento Nacional da Produção Mineral), órgão ligado ao ministério de Minas e Energia. O regime da escola era rígido, exigindo de seus alunos dedicação integral. Para tal a escola oferecia uma bolsa de estudo, visto que o ensino abrangia os dois expedientes, aliado a um sistema de excursões didáticas pelo interior do nordeste, provas mensais, quizzes (provas surpresas), seminários e trabalhos técnicos em grupos.

Em fevereiro de 1958 prestei o concurso vestibular, sendo aprovado entre os dezoito classificados, número praticamente idêntico aos aprovados no primeiro concurso, realizado em 1957. Tratava-se de um programa para vestibular bastante rígido, visto que o conteúdo programático abrangia parte do programa exigido para o vestibular de engenharia, nas matérias de matemática e física, e do vestibular de medicina, nas matérias de biologia e química, além de englobar conhecimentos de geografia, física e econômica.

Era comum na época submeter os calouros a um trote, ministrado pelos alunos que já cursavam a universidade. No nosso caso foi diferente, pois em vez de sofrermos “penúrias” desfilando pelas ruas do Recife, fantasiados e pintados como era de costume, os colegas que já cursavam o curso de geologia promoveram um jantar de confraternização, patrocinado pelos calouros, no restaurante da sede do Sport Clube do Recife, situado na esquina da Avenida Conde da Boa Vista com a Rua da Aurora, onde hoje está edificado um prédio comercial.

As aulas do curso começavam às sete horas da manhã e eu, que morava no bairro das Graças, vinha de ônibus, geralmente lotado, procedente dos bairros de Caixa D’água, Bomba do Hemetério, etc, com parada defronte do Palácio do Bispo, na Rua Rui Barbosa, onde eu subia. Dali até a Escola de Geologia, que se localizava na Rua do Riachuelo esquina com a Rua do Hospício, foto abaixo, eu viajava quase suspenso na porta do ônibus, pois o mesmo ia sempre lotado mas, mesmo assim, nunca chegava atrasado às aulas, tendo sempre ainda, por mera folia, tempo de tomar um leite pingado no Bar de Calado, que ficava ao lado da Escola. Era neste bar que os colegas que moravam em pensões naquelas imediações faziam suas refeições matinais, juntamente com os funcionários da Escola Geralzinho, Iramon, Pisa-na-Fulô e o vigia noturno da Escola, Seu Manoel. Por vezes, nos encontrávamos o simpático professor de inglês, Gerald Sills, que tomava um drinque antes de iniciar a primeira aula.



Ao terminar a última aula do período matinal, voltava para casa para almoçar e outras vezes, junto com os demais colegas, almoçava “a gororoba” no restaurante da Escola de

Engenharia, que tinha comunicação com nosso prédio. À tarde, as aulas iniciavam as 14:00h e iam até às 17:45h, versando geralmente sobre geologia prática. Recordo-me que no primeiro dia de aula prática dessa matéria, ministrada pelo professor André Menier, de origem francesa, foram distribuídos, com a turma, mapas topográficos, com traços de lápis feito pelo professor, que indicavam locais para serem feitos cortes e perfis topográficos. Ninguém tinha a menor idéia de um corte topográfico. Alguns alunos, como eu, pensava em usar uma gilete ou uma faca para ver o que existia debaixo daqueles traços de lápis. O professor nada nos explicou o que deixou a classe totalmente atordoada, sem saber o que fazer, por fim, graças aos colegas que faziam CPOR e tinham noção de topografia, chegou-se ao consenso de como executar um corte topográfico.

A Introdução à Geologia era a matéria mais difícil e complicada daquele primeiro ano, não só pela sua novidade para todos, mas também pelo comportamento esdrúxulo do professor assistente, sempre menosprezando os conhecimentos da turma, assim como a postura rasputiniana do professor russo Boris Brajnikov, portador de uma personalidade austera, muito fechado e por vezes dramático. Quando menos esperávamos, já perto do término de suas aulas, o professor se dirigia ao quadro negro e escrevia a palavra “quizzes”, isto é, uma prova surpresa versando sobre matéria já dada em classe, com nota valendo para média mensal. Era nossa perdição e muitos zeros rolavam.

Algumas matérias do curso eram extensões daquelas que já tínhamos conhecimento, como Matemática II, a cargo do professor Romildo Pessoa; Física, ministrada por Jaime Gusmão e José Fernandes ; Biologia, pelos professores Mota Barbosa e Sérgio Tavares, Inglês Técnico, com professor Gerald Sills e Química, pelos professores Paulo Duarte e Carlos Alberto.

A primeira excursão da matéria Introdução à Geologia foi nos arredores do grande Recife, onde tivemos pela primeira vez oportunidade de entrar em contato com o relevo topográfico de grande parte da região, sua geologia, e a flora regional, devidamente explanada pelo professor Sérgio Tavares, que também nos acompanhou neste evento. Esta excursão parecia filme passado na África, visto que o professor Boris, juntamente com a esposa e filha, apareceram vestidos a caráter, como se fossem para um grande safári. Isto é, com chapéu tipo caçador, roupa caqui e botas até o joelho, faltando, todavia, armas adequadas para qualquer resistência dos nativos (nós).



A condução era uma caminhonete para vinte pessoas, conduzida pelo motorista Romildo, que não se continha em achar muita graça nas brincadeiras, anarquias e cantorias da turma, apesar do ambiente altamente formal imposto pelos professores (buanas).

Depois daquela excursão despertou em alguns alunos, inclusive em mim, um grande interesse pelas viagens ao campo, e assim conseguimos um convite da Petrobrás para visita em seu campo petrolífero em Alagoas. Nesta viagem, da qual participei, juntamente com Aroldo e Judson, viajamos de ônibus até Maceió e fomos recebidos por um técnico da Petrobrás, que ficou a nossa inteira disposição durante dois dias, onde tivemos a oportunidade de visitar as sondas para perfuração de petróleo, as máquinas de extração de petróleo e a administração daquela empresa (foto ao lado).



Em junho do mesmo ano, este mesmo grupo acompanhou o professor Bhaskara Rao em excursão de cunho mineralógico à Caruaru e Fazenda Nova. Em dezembro eu e Aroldo acompanhamos uma missão da UNESCO, representada por um técnico francês procedente da África, M. Fleyri, um técnico do DNOCS, Vasconcelos, que se destinava a Chapada do Araripe no limite oeste do estado de Pernambuco, Ceará e Piauí. Viajamos na caçamba de uma camionete de Recife a Crato (CE), chegando àquela cidade pela madrugada. Ao descer a rampa da chapada, a uma altitude de aproximadamente de mil metros, deslumbrava-se o Vale do Cariri, destacando as cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. Fiquei bastante emocionado pela paisagem deslumbrante e resolvi que naquela área iria executar a minha tese de conclusão de curso, versando sobre os problemas de águas subterrâneas, o que iríamos ver logo no dia seguinte, como participante do levantamento das fontes naturais que circulam o pé da chapada, dando origem a vários rios e riachos, responsáveis pela fertilização daquela área.

O coordenador do curso, Paulo José Duarte, cientista renomado e descobridor do fosfato em Pernambuco, era também nosso professor de química. Uma pessoa adorável, simpática e sempre pronta a ajudar aos alunos no que fosse necessário. Por me chamar também Duarte, embora não sendo parente dele, fui o aluno mais solicitado por ele para frequentar o quadro negro durante suas aulas. Para mim era um grande vexame porque eu nunca fui bom em química. Por respeito a sua figura, resolvi me aprofundar no estudo dessa matéria. Era uma figura notável. Tornou-se, na minha vida profissional, um grande incentivador, sempre enviando livros, com dedicatórias especiais, que sempre me sensibilizaram. As aulas práticas de química eram dadas pelo professor

Carlos Alberto, figura calma, que levava com tranquilidade às aberrações feitas por nós no laboratório.

A cadeira de física era ministrada pelo professor Jaime Gusmão, um grande professor, amigo dos alunos que, apesar da rigidez de suas notas, ministrava aulas altamente interessantes e movimentadas, repletas de aplicações práticas. Suas provas requeriam intenso raciocínio além de conhecimento da matéria dada em aula. Em uma dessas provas a pergunta era a seguinte: De que cor é o céu na lua? Claro que hoje em dia seria fácil de responder, em face das fotos enviadas pelos astronautas, porém naquela época o homem ainda não havia chegado a lua. Autorizado pelo professor, todos os alunos puderam consultar a biblioteca e conversar entre si, porém ninguém chegou a uma conclusão. A nota geral foi zero, pelo simples fato de não termos aplicado os ensinamentos sobre refração e reflexão dos raios solares incidentes nas partículas que ocorrem na atmosfera, num determinado ângulo, que corresponde a uma determinada cor no espectro solar. Na terra este ângulo corresponde a uma cor azul daí o nosso céu ser azul e, como na lua não há atmosfera nem partículas suspensas, a incidência dos raios é diretamente no satélite, sem a ocorrência desse fenômeno, logicamente o céu na lua é preto. Reencontramos esse professor no quarto ano, quando lecionou Geotécnica, trazendo para nós grandes conhecimentos que até hoje colocamos em prática.

Outra grande novidade para nós foi a cadeira de Mineralogia ministrada pelo professor hindu A. Bhaskara Rao, com doutorado na Suíça e que falava um português muito complicado, por vezes misturado com inglês. Este também nos acompanhou durante os quatro anos na escola, com a cadeira de geologia econômica. Era um professor jovem, que se entrosava perfeitamente com os alunos, participando não só dos ensinamentos nas aulas e excursões, como também no lazer, cantorias e brincadeiras. Mais tarde veio a casar com a professora Maria do Socorro, assistente de Petrografia da escola. Tinha ele um conceito bem particular sobre os alunos, cada um possuía uma nota individual de acordo com o interesse pela matéria, inteligência, comportamento e criatividade. A minha nota era sete. Ele tinha uma admiração grande por mim, não só porque eu era um aluno esforçado e vibrador com a matéria, mais também pelas minhas brincadeiras, principalmente durante as excursões. Existiam alunos com notas maiores como, por exemplo, Marcelo e Aroldo.



Por questão de afinidades juntei-me aos colegas Geraldo, Marcelo e Sílvio, formando um grupo denominado por nós de GEMS (iniciais de Geraldo, Emmanoel, Marcelo e Sílvio), que significa pedra preciosa em inglês, nome bem apropriado dentro da ciência geológica (foto ao lado). Este grupo continuou junto durante todos os anos do curso, revezando na cópia das aulas durante a explanação dos professores e colocando a matéria em dia à noite, na residência de Marcelo e Sílvio, que eram irmãos.

Esta atitude nossa de copiar as aulas ocorria em virtude da dificuldade de se encontrar livros sobre as ciências geológicas em português, aliado a precariedade da biblioteca da Escola nas edições em línguas estrangeiras.

Com a aproximação do fim do primeiro ano do curso a turma já havia se entrosado perfeitamente, tornando-se uma grande família, onde todas as divergências haviam sido superadas, havendo até grandes afinidades entre colegas que terminaram em casamento mais tarde, como Aroldo e Zenaide.

Houve, nessa época, uma triste ocorrência na Escola, que foi a morte do colega Paulo Fernando, que cursava o segundo ano, mas pela sua comunicabilidade e simpatia era uma figura admirada por todos os colegas e em particular por mim, que sempre brincando, o tratava pelo apelido de devasso, coisa que não tinha nada haver com ele. Reciprocamente ele também me tratava pelo mesmo apelido. E por falar em apelidos alguns já haviam sido consolidados como Doutor Silvana (Abel), Jabuti Curió (Abelci), Jacaré (Sílvio Péricles), Girimum (Teixeira), Gessi (Jessé), Vovô (José Alberto), Carniça (Judson), Conde de Amalfi (Espedito), Morenaço (Bernardino), Macla (Geraldo Gusmão), Pato (Geraldo França), Kenel (Paulo Nobrega), Olho de Peixe (Emmanuel), Misterioso (Luciano), sempre vestindo terno branco, penteando seu largo bigode, portando uma cabeleira tipo Rodolfo Valentino, entre outros. Nosso entrosamento era complementado pela turma da secretaria, Justino Vaz, Cremilda, Doris, Galvão e Simone, figuras altamente simpáticas.

Novas matérias surgiram no segundo ano do curso, em 1959, como, por exemplo, **Geoquímica**, a cargo do professor Arão Horowitz, um verdadeiro gentleman, que tratava os alunos chamando-os de cavalheiros, o que era um disparate, pois a turma nada tinha de bem educada e era chegada a uma molecagem em plena aula; **Sedimentologia**, a cargo do professor F. Ottmann, diretor do Instituto de Oceanografia da UFPE, que mal falava português; **Petrografia**, sob a responsabilidade do alemão Heinz Ebert, nervoso e um tanto estressado, sabendo todavia transmitir seus conhecimentos que eram notáveis. Seu “hobby” predileto era caça as borboletas, daí por vezes encontrá-lo portando um chapéu de caçador africano, bermuda e um alçapão de malha para caçar as borboletas que iriam fazer parte de sua vasta coleção. Sua assistente, Maria do Socorro, era tolerante com o seu nervosismo e um verdadeiro anjo paciente em aturar as brincadeiras da turma que, por sinal, respeitava e obedecia ao seu comando. As aulas de Petrografia eram práticas e interessantes e se destinavam a determinar os tipos de minerais componentes nas amostras de rochas, sua estrutura e origem, além do estudo microscópico em lâminas delgadas. A primeira excursão desta matéria foi para a região de Currais Novos e Parelhas no Rio Grande do Norte, abrangendo parte do cariri paraibano e sertão pernambucano. Partimos do Recife pela manhã em direção ao oeste, estudando as rochas da serra das Russas e fazendo a primeira parada em Caruaru, onde a turma resolveu encher a cara de cerveja. Foi o meu primeiro porre, ficando totalmente embriagado, juntamente com quase toda turma. Chegando a cidade de Arcoverde, a noite ainda fomos ao Bar do hotel Magestique, onde ficamos hospedados, para continuar a bebedeira ouvindo na radiola de ficha Anísio Silva que cantava “Estou pensando em ti chorando...”; Nelson Gonçalves com suas músicas de roedeira e

Orlando Dias cantando “ Tenho ciúme até da roupa que tu vestes...” , complementando esta plêiade de dores de corno, ainda ouvíamos Caubi Peixoto, Ângela Maria e Maysa. No dia seguinte pela manhã, por sermos jovens e gozarmos boa saúde estávamos dispostos a executar nossos afazeres didáticos sem cansaço ou ressaca, acompanhando o professor em caminhadas pelos campos, a fim de identificar fenômenos geológicos interessantes e realizar colheitas de matérias para posterior análise. Ao chegar em Currais Novos ficamos hospedados no hotel Tinguistênio, nome do metal contido na Xelita, mineral abundante na região e alvo de mineração por parte do grupo brasileiro Tomás Salustiano e dos japoneses da Mineração Washangue. Antes de pesquisar as minas subterrâneas de Xelita, fazíamos um levantamento de campo, caminhando ao longo do leito dos rios secos, colhendo amostras e medindo os parâmetros geológicos, tudo notificado em caderneta de campo para depois entregar ao professor. Era um duro danado, semelhante ao serviço militar, o qual para nós era dispensado, visando incentivar o ingresso de jovens que se dedicariam a profissão de geólogos, carente no Brasil. Saíamos pela manhã, em grupos já devidamente formados, e éramos largados em determinados pontos de onde iniciariamos as caminhadas, chegando no fim da tarde em local previamente determinado em mapa topográfico. Levávamos mantimentos para nossa alimentação e principalmente água, a fim de evitar a bebida em lugares duvidosos quanto a sua potabilidade. As amostras colhidas de rochas, devidamente catalogadas e plotadas em mapas, eram posteriormente estudadas em laboratórios na Escola. A noite era nossa, muita brincadeira e sempre participando de festas na cidade e nos clubes locais, principalmente naquele período de São João onde nossa entrada era bem aceita por sermos visitantes. Geralmente se dançava quadrilha improvisada, ao som de conjuntos musicais matutos, tipo pé de serra, que executavam xaxado, baião e xote do repertório de Luiz Gonzaga. Eram festas inesquecíveis que até hoje guardo na memória, pois tendo nascido na cidade do Recife pouco conhecia o interior e seu folclore, aliado a um povo hospitaleiro. Havia colegas namoradores que tinham varias namoradas ao mesmo tempo, deixando saudades quando partíamos. Outros eram chegados as meninas “mais modernas” e sempre se davam bem. Houve um fato interessante que um desses colegas seguiu uma figura pelas ruas escuras de Currais Novos, na certeza de tratar-se de uma beldade envolta em uma capa escura, porém ao chegar perto, teve a surpresa de se deparar com um vigia noturno que, por pouco, não deu-lhe um tiro no rabo.

Aliado a esta excursão se fazia também levantamentos topográficos subterrâncos de túneis e galerias onde já havia sido feito extração de minério. Os estudos mineralógicos se faziam diretamente no campo ou nas minas, cuja facilidade de encontrar minerais aflorantes eram grandes . Daí o professor Rao incentivava a coleta de minerais de bons aspectos , premiando a quem achasse os melhores que iriam fazer parte do laboratório de mineralogia da Escola. A volta para casa era repleta de recordações e saudades de dias memoráveis que uniam estudos e ao mesmo tempo lazer.

Fazendo parte do “Curriculum” de Paleontologia e Geologia Física do segundo ano do curso, em novembro de 1959, excursionamos a bacia petrolífera de Alagoas-Sergipe. Para esta viagem já de ônibus novo da Escola, um Mercedez Benz azul claro com os dizeres da Escola nas laterais e bastante confortável, saímos de Recife em direção a Maceió, via Paulo Afonso. Na rcta de Ibimirim, isto é, uma estrada linear de barro que

liga aquela cidade as margens do São Francisco em plena planície deserta e arenosa , Manoel , o motorista do ônibus , irritado com as brincadeiras da turma , parou o ônibus, guardou chave e disse que dali não saia mais. O medroso professor Menier não tomou nenhuma atitude, o que foi feito por Geraldo França, Presidente do nosso diretório acadêmico, resolvendo aquela situação dramática e conseguindo do motorista seguir viagem. Depois de fazemos um reconhecimento geológico na bacia petrolífera fiquei, junto com o colega Expedito, sediado na cidade de Maruim, para executar um levantamento geológico da área. Tínhamos que executar o trabalho, através de caminhadas, porém resolvemos sem o conhecimento dos professores Boris e Beurlen, orientadores dos trabalhos , alugar um jipe, e fizemos o trabalho em tempo Record, sobrando bastante tempo para o lazer, com ênfase para o colega Expedito que era um verdadeiro Don Juan, cantando as funcionárias da pensão onde estávamos hospedados, um sobrado estilo 1930, localizado na rua principal da cidade.

Em dezembro daquele mesmo ano voltei a Chapada do Araripe executando um trabalho extracurricular, acompanhando os técnicos da UNESCO, E. H. Bom e Albert Ment em trabalhos de hidrogeologia, principalmente do lado pernambucano.

Paralelamente, quando cursava o segundo ano e a primeira turma estava cursando o terceiro, no final de 1959 ocorreu um desentendimento com um professor americano, Max G. White, professor da cadeira de Geologia Econômica. Tal professor não tinha muita simpatia pela turma, sendo a recíproca verdadeira. O problema se agravou quando ele aplicou uma prova e deu notas baixas e injustas a vários alunos. Tal fato revoltou a classe que se negou a acompanhá-lo em uma excursão de campo já devidamente programada. Com o agravamento da questão entrou o Conselho de Professores, o Reitor e a CAGE para tentar solucionar o problema, o que não ocorreu. Os alunos entraram em greve exigindo a saída daquele professor. Toda a Escola aderiu à greve (foto abaixo) e, devido à falta de solução para o impasse, o Diretório Acadêmico resolveu tomar e ocupar as dependências da Escola, proibindo a entrada de funcionários e professores.



Representantes da Reitoria juntamente com o secretário da Escola, Justino Vaz e membros do Diretório Acadêmico lacraram as portas de acesso às salas da administração da Escola, continuando a greve por longo período, onde ocorreram várias reuniões das partes interessadas, não se chegando a nenhum consenso, o que resultou na perda do ano letivo para esses alunos. O professor Max G.White, juntamente com seu colega John T. Stark, que ensinava Geologia de Campo, deixaram a Escola, levando consigo todo o material didático trazido pelos mesmos. Tais materiais foram repostos mais tarde graças à intervenção de José Ermírio de Moraes. Os alunos dessa turma, no início de 1960, se juntaram a nós, formando uma turma única, agora com 34 alunos.

Novos colegas de classe, novas amizades e consagrados novos apelidos como Abel, cachorro magro; Pedro Gomes, patacão; Egmar, que não tinha apelido mais era gozado, pois vivia a dizer que as coisas melhores do mundo eram coca-cola e dona (mulher); Iram conhecido como couro de jaca, que eu particularmente o chamava de "iraniam oil company", figura sempre bem humorada e, muitas vezes, o seu sorriso o levava às lágrimas; José Adriano, possuidor de uma lambreta, que sempre chegava na segunda-feira com escoriações dependendo das orgias do fim de semana; Luís Peixoto, altamente, caneiro e chegado a um linguajar pesado, daí ser chamado espanta família.; Luís Siqueira, crente de convicção sempre citando a bíblia, daí ser chamado de pastor; Marcelo Coimbra, codinominado de cação; José Maurício, puxador de escola de samba; Valdemir Cruz, caperucita roja, pois em uma excursão achou de usar um chapéuzinho vermelho; José Afrânio, que por lembrar a figura física do professor Batista, dizíamos, a fim de encabulá-lo, que ele era filho do mesmo e Alvimir, que se caracterizava por sua tranquilidade.

Neste terceiro ano, 1960, novas matérias surgiram como Estratigrafia, a cargo do professor Beurlen, cadeira relacionada com Paleontologia já ministrada pelo mesmo professor, mas que tinha um enfoque especial, no que diz respeito à evolução dos animais ao longo de milhares de anos. Professor Buerlen era um sábio cientista alemão, que tinha grande afinidade com os alunos, sempre pronto ajudar no que fosse necessário, não importando a matéria. Aliado a esta disciplina tínhamos a Micropaleontologia, aplicada muito na geologia do petróleo e ministrada por Ivan Tinoco, figura amiga da turma, sempre sorrindo e falando mais do que o homem da cobra. Para o ensino de Geologia Estrutural, foi convidado um técnico da Petrobrás, um tanto neurótico, cuja preocupação principal era decorar o nome dos alunos que, num repente, em plena classe, apontava para um colega e dizia o seu nome completo, como por exemplo, Everaldo, chamando pelo nome de família, Vieira de Melo. Dentro dos seus ensinamentos, cujas aulas eram dadas "a la" filme de far West, onde ele colocava o pé sobre a primeira banca e inquiria determinado aluno: O que se usava mais na elaboração de um mapa estrutural? Dezenas de respostas técnicas emanavam da turma, entretanto nenhuma o satisfazia. Então ele concluía dizendo que o que mais se usava era lápis e borracha, o que no meu entendimento, era uma gozação com a turma. A prospecção de jazidas ficava a cargo do professor Batista uma figura sorridente bem humorado e muito querido pelos alunos. Quanto a Geofísica, era ministrada pelo professor Paulo Mendes.

A excursão das cadeiras de Estratigrafia, Paleontologia e Micropaleontologia ocorreram em conjunto à chapada do Araripe, onde foram feitos inúmeros cortes geológicos perpendiculares, no comprimento maior da chapada, abrangendo os lados de Pernambuco, Piauí e Ceará. Nesta excursão houve um caso interessante, pois ao chegarmos pela madrugada, depois de viajarmos todo o dia e ao galgarmos o topo da chapada, onde fazia um frio considerável, fez-se uma parada em uma barraca que vendia aguardente. O professor Beurlen desceu e solicitou ao vendedor que o servisse de um dedo de Cinzano, aí nosso colega Peixoto, para salvar a sua reputação de grande bebedor e na intenção de superar o professor, olhando para turma, solicitou ao vendedor quatro dedos de Cinzano. Surpresa para todos quando o professor disse ao vendedor que completasse os copos com cachaça. Assim sendo, a reputação do nosso colega como bom bebedor foi por água abaixo.

Outra excursão, desta vez de Geomorfologia, sob a orientação do professor Gilberto Osório, um verdadeiro ícone daquela matéria no Brasil, acompanhado de sua assistente Raquel Caldas Lins e do professor Mário Lacerda, foi na região sedimentar de Ibimirim, Catimbau e Serra Negra, onde ocorrem vestígios da bacia de Tucano (Bahia) em Pernambuco. Trata-se de uma região onde se desenvolve “canyons” e “frentes de cuevas”, destacando-se a Serra Negra, que escalamos à pé pelo flanco menos íngreme e dormimos a céu aberto, no topo daquela cuesta inabitada, de farta vegetação tropical, e descemos na manhã seguinte pela escarpa vertical, descrevendo as ocorrências rochosas para um perfil geomorfológico. À noite, fomos para Serra Talhada, onde passamos uma maravilhosa noite de São João, sendo bem recebidos pelos habitantes daquela cidade e principalmente pela moçada, com a qual tivemos contato no clube social da cidade.

Em novembro de 1960, houve o Congresso Brasileiro de Geologia em Brasília, organizado pela Sociedade Brasileira de Geologia, na recém-inaugurada capital do país. Representamos a Escola com um grupo de mais de dez alunos, além de mim, Iran, Marcelo, Aroldo, Gesse, Geraldo França, Geraldo Gusmão, Bernardino, Luciano e Expedito, acompanhados do professor Tinoco e do coordenador da Escola, professor Mota Barbosa, além dos professores Bhaskara Rao, Maria do Socorro e Otman.

Viajei de Recife ao Rio de Janeiro em um DC-4/Sky Master da companhia de aviação Loide Aereo e os demais companheiros conseguiram carona no vôo da FAB. Na antiga capital, Rio de Janeiro, visitamos o DNPM, fizemos um pouco de turismo (conforme foto) e, de ônibus, viajamos para Belo Horizonte, onde encontramos os colegas de Ouro Preto. Juntos, seguimos no ônibus da Escola de Minas de Ouro Preto para Brasília. Foi uma viagem muito divertida e nos identificamos com os colegas de Ouro Preto, que eram boas praça e facilmente nos entrosamos. Em Brasília ficamos hospedados no Clube Paranoá, as margens do lago artificial, com toda a mordomia oferecida pela nova capital, que se encontrava ainda, em sua maior parte, em construção, destacando-se a Catedral inacabada, o Palácio da Alvorada, a estação rodoviária, o museu de JK e a Esplanada dos Ministérios com seus respectivos prédios, tudo debaixo de uma movimentação de máquinas a trabalhar o terreno, levantando uma poeira de cor vermelha que os camelôs mais sabidos colocavam dentro de frascos vazios de penicilina

e vendiam aos incautos anunciando como um grande “souvenir”, a poeira de Brasília. O congresso foi um sucesso absoluto, principalmente pela novidade em termos técnicos, apresentadas por nomes famosos da geologia, não só do Brasil como do exterior. Para nós, alunos, além da parte técnica, foi uma oportunidade de intercâmbio cultural entre as escolas de geologia recém criadas no Brasil



Terminando o congresso, voltamos para o Rio de Janeiro no ônibus da Escola de Geologia daquela cidade, tendo como motorista o aluno Fernando Távora, grande figura, não só na direção, mas na simpatia e na sua maneira brincalhona de tratar os colegas. Mais tarde este nosso colega seria o “Time Lider” de uma viagem de cunho técnico-científico que fizemos aos Estados Unidos, patrocinada pela USAID/NE. Na volta, os colegas tiveram dificuldade em conseguir um vô da FAB para Recife, então o colega Luciano, estagiário da Votorantim em Pernambuco, conseguiu com o Dr. José Ermírio de Moraes passagens pelo Loide Aéreo para toda turma voltar para Recife.

No último período do curso, a maior parte das matérias era continuação das anteriores, com exceção de Geotécnica e Hidrogeologia. Além das matérias curriculares, tínhamos a preparação das teses de graduação. Para mim, a área selecionada foi àquela escolhida desde o começo do curso, já falada anteriormente, os aspectos geológicos da região do cariri cearense, com ênfase na sua hidrogeologia, tendo como orientador o professor Beurlen.

Antes, porém, do início do ano letivo de 1961, participei juntamente com os colegas Geraldo, Sílvio e Bernardino de um estágio no BRGM – Bureaux des Recherches Geologiques et Minières, em Cayene, na Guiana Francesa. Fomos selecionados pela Escola e pelo Consulado Francês, em Recife. Assim, partimos do Recife, no dia 10 de fevereiro, em vôo da FAB, com destino à Belém, com escala em Fortaleza. Viajamos para Cayene, com escalas em Amapá, Macapá e Oiapoque.

Cayene era uma cidade modesta, com poucos prédios altos, um comércio pequeno dominado pelos chineses, com exceção de algumas lojas internacionais, apresentando, também, um desenvolvimento artesanal, principalmente em ouro. Povoada por crioulos que falavam um “patua”, isto é, um dialeto que era uma mistura de inglês, francês e português. Completando seus habitantes havia negros de origem africana das tribos saramacá e boni, principalmente, além de índios nativos semelhantes aos nossos e europeus, geralmente funcionários de organizações francesas ali instaladas.

Ficamos hospedados em um chalé à beira mar, destinado a técnicos do BRGM. Fazíamos refeições em um restaurante chinês induzido a fornecer nosso almoço, composto de arroz, feijão e bife. Durante o dia, íamos para a sede do BRGM, a fim de nós familiarizarmos com as pesquisas ali desenvolvidas. Um fato que me lembro bem foi quando um geólogo grego chamado Maqueras, chegou de um garimpo de ouro e, ao nós ser apresentado o mesmo retirou da sacola uma pepita de ouro e me deu como “souvenir”. Tivemos oportunidade de visitar a “Ille de Diable”, que no passado foi uma terrível prisão, atualmente transformada em um observatório meteorológico.

A excursão à floresta amazônica, por via fluvial, foi dividida em dois grupos, ficando eu e Bernardino sob a direção de um geólogo suíço, C. Pelaton, destinados a subir o rio Mana e, Geraldo e Sílvio, o rio Maroní. De Caiene viajamos de jipe, em boas estradas alfartadas, até San Sabat, onde uma equipe formada pelo crioulo Alfred, piloto da canoa, a qual era equipada com motor de popa de 30 cavalos, e mais dois africanos das tribos Saramacá e Boni. Subindo o rio Maná, nosso piloto comandava o motor com uma das mãos e com a outra uma espingarda para a caça de patos selvagens que bordejavam o rio. Seus tiros eram sempre certos, o que nos proporcionavam ótimas refeições de pato assado ou guisado.



O co-piloto era o outro africano, que ficava em pé, à frente da canoa, apontado as pedras a serem evitadas. Os pernoites eram feitos em acampamentos já utilizados anteriormente por prospectores. A dormida era feita em redes, penduradas em árvores, tendo como alento um barulho ensurdecedor emitido pelos macacos babuns. Num determinado dia, Alfred atingiu um deles com um tiro e, após prepara-lo, serviu o seu fígado como aperitivo, cujo sabor em nada diferenciava de outros animais comestíveis, por nós conhecidos.

Na continuação da expedição, encontramos, banhando-se no rio, uma anta pequena que, apesar de está próxima à canoa, o tiro de espingarda de Alfred falhou, então nosso cozinheiro de bordo aproximou-se da mesma e com um grande facão deu-lhe um golpe no lombo, matando-a, uma verdadeira carnificina. Em seguida, o paquiderme foi tratado e as partes nobres das carnes tornaram-se um delicioso churrasco, com sabor semelhante ao da carne de porco.

Quase no final de nossa aventura, tivemos oportunidade de observar um desmonte de Pegmatito decomposto, através de jato d'água, para separação de materiais pesados. Era uma maneira de lavra bem diferente da realizada no nordeste do Brasil.

Em seguida chegamos a um acampamento muito bem instalado, com energia elétrica produzida através de um gerador. Ali o prospector providenciou a caça de um ubú, espécie de perú selvagem, de penas pretas e crista amarela, que depois de assado foi servido com batatas e vinho francês. Com este "gran finale" terminamos a excursão e voltamos para Cayene e, dias depois, partimos para Belém de avião.

Naquela época Belém tinha um aspecto de porto livre, com taxis novos, em sua maioria Chevrollet Impala, cigarros americanos vendidos nas calçadas das ruas, lojas repletas de artigos importados, especialmente Wkisky, onde tive oportunidade de comprar um galão de Queen Anne, para ser degustado, com a turma, no dia da nossa formatura, o que foi realizado.

De volta para o Recife, já no dia seguinte à nossa chegada, iniciamos a luta para conclusão do curso, cujo currículo escolar daquele ano era menos puxado que o dos anos anteriores. Tínhamos de ter tempo suficiente para preparar a tese de conclusão do curso, com idas ao campo, na área selecionada. Para mim houve uma facilidade nesse trabalho, pois como bolsista da SUDENE, estagiava no laboratório de hidrogeologia, graças a interferência junto àquele órgão de técnicos da UNESCO, Pierre Taltasse e Etienne Streta, meus conhecidos, que necessitavam de um ajudante nas pesquisas que executavam e cujas análises de águas eram executadas pelo químicos Valne Xavier Pereira e Helder Barbosa. Com isto, consegui da SUDENE um jipe com motorista para minhas idas ao vale do Cariri, para coleta e águas e desenvolvimento de minha tese. Durante as idas ao cariri, fiquei hospedado juntamente com Geraldo em Juazeiro do Norte, que pesquisava uma área próxima da minha. Perto dali, em Missão Velha, estavam Sílvio e Bernardino, os quais pegavam carona no jipe para seus trabalhos,

como também recebiam orientação de Valne, que sempre ia ao campo conosco, principalmente na coleta de amostras d'água, colhidas em cacimbões existentes, para futura análise química. À noite, sempre nos encontrávamos para uma bate papo e tomada de algumas cervejas, contando, de vez em quando com a presença do professor Beurlen, orientador de nossos trabalhos.



O importante de nossa tese é que o assunto deveria ser original, sem ter havido, anteriormente, qualquer pesquisa sobre o mesmo. A SUDENE, além de participar no patrocínio da pesquisa, fez a publicação de minha tese, sendo este o meu primeiro trabalho técnico, com o título de Aspectos Hidrogeológicos do Cariri. Completando o trabalho, defendi o mesmo oralmente, perante uma banca de três professores, que fizeram perguntas das mais variadas sobre o assunto, as quais foram satisfatoriamente respondidas, conseguindo a aprovação geral da tese e a conclusão do curso.

Terminado o ano letivo e a tese aprovada, restava agora, como integrante da comissão de festas da formatura, juntamente com os colegas, Iran, Geraldo e Artur, trabalhar para o êxito das festividades de colação de grau e assessorar o orador da turma, Heronides, para o seu grande pronunciamento.

Nossa formatura foi iniciada no dia 17 de dezembro de 1961 e teve como paraninfo José Ermírio de Moraes, que compareceu a todas as solenidades, a partir da missa na igreja Nossa Senhora de Fátima, ligada ao Colégio Nobrega, no qual, no passado, tive o orgulho de estudar. Nessa cerimônia, os formandos se reuniram em frente da igreja para entrada em conjunto. Nesse momento de espera, chegou o paraninfo José Ermírio de Moraes, me pegou pelo braço e iniciou o cortejo para entrada triunfal dos formandos na igreja. Foi uma grande honra para mim entrar com o empresário que, além de ser um destaque da indústria nacional, foi um grande padrinho da Escola de Geologia do Recife.

A colação de grau foi às quinze horas no Teatro Santa Izabel, presidida pelo reitor da UFPE, João Alfredo Costa Lima, com a presença do Coordenador da Escola, Dr. Antônio de Mota Barbos, demais professores da Escola e nosso paraninfo, sendo a homenagem da nossa turma para o economista Celso Furtado. Naquela ocasião recebi o diploma das mãos do reitor, sendo parabenizado pelo paraninfo e pelos demais professores, quando meu pai orgulhosamente colocou o anel de formatura no meu dedo.



O baile de formatura ocorreu nos salões do Clube Português do Recife, animado pela orquestra do maestro Nelson Ferreira, onde dançamos a “Valsa do Imperador” de Strauss. Inúmeras recepções particulares aconteceram naqueles dias, oferecidas pelos pais de alguns colegas em suas residências, inclusive na minha, com a presença de parentes, amigos e professores, ocasião em que tomamos àquele galão de whisky trazido de Belém. A turma concluinte foi de 32 colegas, a saber: Abel Tenório Cavalcante, Adelci Daniel de Assis, Adel Barreto, Alvimir Alves de Oliveira, Aroldo Alves de Mello, Egmar Hermann R. O. e Silva, Emmanoel Wanderley Duarte, Everaldo Z.V. de Melo, Expedito Paiva G. deCarvalho, Geraldo de Azevedo Gusmão, Geraldo França Ribeiro, Heronildes Dias de Barros, Iran Ferreira Machado, Jessé Gomes de Sá, José Adriano Leão Coelho, José Afrânio Vasconcellos Carneiro, José Alves Tenório, José Antonio Teixeira, José Artur Calheiros de Melo, José Bernardino de França, Luciano José Siqueira Campello, Luís Siqueira, Luís Peixoto de Siqueira, Marcelo de Barros Oliveira, Marcelo Coimbra de CASTRO, Maurício Cardoso de Melo, Paulo da Nóbrega Coutinho, Pedro Gomes de Melo, Sylvio P. de Barros Oliveira, Vicente Martins de Lima, Waldemir Barbosa da Cruz e Zenaide Soares da Fonseca.

A maior parte dos colegas, geólogos pioneiros do norte e nordeste, complementaram seus estudos em renomados centros especializados em ciências geológicas, principalmente na Europa, ocupando, de imediato, cargos de destaque em órgãos estatais e federais, assim como na iniciativa privada.

Algumas vezes a turma se reuniu para comemorar os anos de formados, como se pode observar na foto abaixo.



Com o passar dos anos alguns colegas se foram desta vida, em particular Expedito, Bernardino, Egmar, Maurício, José Afrânio, José Tenório, Pedro Gomes, Vicente, Waldemir Cruz, e Luís Siqueira que, junto com os professores Paulo Duarte, Taltasse, Beurlen, Bhaskara Rao, Batista, Tinoco, Romildo, Boris, Ebert, Sillas, Gilberto Osório, José Fernandes, Mário Lacerda e Valnê, secretariado por Justino Vaz, estão, sem dúvida alguma, transmitindo em algum lugar o que vivenciaram aqui, nos tempos memoráveis da Escola de Geologia do Recife. A eles a minha sincera homenagem através deste manuscrito.